

**JARDIM SENSORIAL: TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR E ATIVIDADES
EDUCADORAS AMBIENTAIS NA ESCOLA**

Sergio Leandro De Oliveira, Maria De Lourdes Spazziani

Eixo 7 - Propostas curriculares e materiais pedagógicos no ensino e na formação de
professores

- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Diante das várias discussões sobre conservação ambiental que se fazem presentes na sociedade, a escola tem a função de promover conceitos e atitudes relacionados ao meio ambiente por meio da Educação Ambiental. Este trabalho se propôs a elaborar um Jardim Sensorial e grafiteagem numa escola pública da cidade de Botucatu, investigando o impacto desse trabalho no conhecimento teórico e na conscientização dos alunos, que os comprometa com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global. As atividades de montagem do Jardim e da pintura em arte-grafite envolveram professores de Ciências, de Artes e de Matemática e diretamente alunos do sétimo ano, oitavo ano, nono ano e ensino médio da educação básica. O projeto estrutural foi elaborado pelos universitários e levou em conta o estudo do espaço disponível na escola. As atividades de montagem do Jardim, de pintura do muro e de sensibilização dos alunos mobilizaram a comunidade acadêmica de toda a escola. O projeto contribuiu para a conservação ambiental da escola e implementou atividades educadoras ambientais que enfoca a relação dos alunos com o ambiente escolar tornando-os cidadãos com perspectivas positivas frente à relação do homem com a natureza, preservando o ambiente físico e social da instituição educacional no sentido do bem-estar de todos envolvidos no contexto escolar.

JARDIM SENSORIAL: TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR E ATIVIDADES EDUCADORAS AMBIENTAIS NA ESCOLA

SPAZZIANI, M. L. & OLIVEIRA, S. L. UNESP - Universidade Estadual Paulista -
Instituto de Biociências - Câmpus de Botucatu

INTRODUÇÃO

A escola é delimitada dentro de um espaço, mas a complexidade desse espaço escolar não é reduzida a questão de um simples lugar, ela se mostra mais ampla a partir da vivência das pessoas, como destaca Viñao (2005, p. 17):

...a instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação de espaço e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo, é que surge, a partir de uma noção objetiva – a de espaço – lugar – uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço – território.

Os espaços dentro de uma escola podem ser utilizados de diversas maneiras, mas nem sempre são plenamente aproveitados de acordo com o potencial pedagógico que possuem. Tendo em vista essa questão, é importante analisar a constituição de como se configura o espaço escolar, quais ocupações estão ou podem estar relacionadas à formação continuada de professores no campo da Educação Ambiental.

A escola tem a função de promover conceitos e atitudes relacionados ao meio ambiente por meio da Educação Ambiental, com o objetivo de formar cidadãos comprometidos com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global (BRASIL, 1997). Afinal, a educação é um ato político (FREIRE, 1968) e tem uma intencionalidade.

A UNESCO (2007) destaca o trabalho com a Educação Ambiental no contexto escolar e que os professores em exercício devem promover um processo educativo no ambiente escolar que dialogue com valores éticos e regras políticas de convívio social, cuja compreensão permeia as relações de causas e efeitos dos elementos socioambientais numa determinada época, para garantir o equilíbrio vital dos seres vivos.

Desta forma, este campo é de relevância por se tratar de uma questão de direito de todo o cidadão e que se mostra negligenciada e desassociada na prática docente de grande parte das escolas de educação básica, descumprindo o que reza a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).

A lei reafirma o direito à educação ambiental a todo cidadão brasileiro comprometendo os sistemas de ensino a provê-lo no âmbito do ensino formal. Em outras palavras, poderíamos dizer que toda (o) aluna (o) na escola brasileira tem garantido esse direito, durante todo o seu período de escolaridade. Segundo o Censo Escolar do INEP, 94% das escolas do ensino fundamental, em 2004, diziam praticá-la, seja por meio da inserção temática no currículo em projetos ou até mesmo em disciplina específica. Essa universalização é motivo para comemoração porque, em tese, esse direito estaria assegurado. Entretanto isso não significa que ela está em sintonia com os objetivos e princípios da PNEA, ainda é necessário qualificá-la ampliando as pesquisas, os programas de formação de docentes e desenvolvendo indicadores para avaliação. A PNEA traça orientações políticas e pedagógicas para a educação ambiental e traz conceitos, princípios e objetivos que podem ser ferramentas educadoras para a comunidade escolar. Mas a lei, por si mesma, não produz adesão e eficácia. Somente quando se compreende a importância do que ela tutela ou disciplina, captando seu sentido educativo, é que ela pode ser transformadora de valores, atitudes e das relações sociais. Quando isso não ocorre se diz que a lei não tem eficácia, ou seja, não “pegou” (UNESCO, 2007, p.31).

Quando se observa o atual currículo de ciências do estado de São Paulo, que é a disciplina que em geral trabalha com os temas ambientais, nota-se que o mesmo prioriza as transformações do mundo contemporâneo em relação ao avanço da ciência e da tecnologia, paralelamente às mudanças ocasionadas na natureza, como os desequilíbrios e destruições. As competências são direcionadas a proporcionar uma formação científica aliada a valores morais e éticos, incluindo-se a compreensão da responsabilidade do papel do homem no ambiente diante das transformações já citadas. “As aprendizagens devem fazer mais sentido aos alunos com o intento em conhecer o mundo próximo e compreender as relações com contexto socioambiental amplo” (SÃO PAULO, 2008, p. 46). Pressupõe uma concepção de ciências interdisciplinar e menos conservadora, e conforme destaca Domingues (2000, p. 197), a ciência precisa oferecer uma visão globalizante, necessária ao reconhecimento dos problemas cotidianos com implicações ambientais e sociais e ao mesmo tempo, propõe-se

a desenvolver meios de atuação sobre eles através dos conhecimentos científico-tecnológicos.

A perspectiva do atual currículo de ciências proposto pela Secretaria de Educação de São Paulo (SEE/SP), pelo menos em tese, confirma a tendência de alterações na concepção de ciências ao longo do tempo. Para Domingues (2000, p. 196), movimentos anteriores não levavam em conta a relação entre as diferentes classes sociais existentes numa sociedade capitalista e a queda vertiginosa na qualidade de vida da maioria da população, bem como a relação entre o ensino de ciências com a natureza tecnológica da nossa sociedade, proveniente da Terceira Revolução (a científica). Estes pontos devem ser considerados hoje como eixo básico do ensino de ciências, como a ciência e a tecnologia na sociedade.

Amaral (2000) corrobora com esta posição, ao pontuar divergências entre especialistas e professores da área a respeito das variadas concepções de ciências que nortearam a estruturação de diversos modelos de ensino. Para ele, é necessário buscar a concepção de ciências que está intrínseca em cada modelo curricular com o fim de entender suas características e o desenvolvimento do currículo, quer seja, na sala de aula, quer seja no contexto extraclasse, que envolve os espaços existentes no ambiente escolar e no seu entorno.

Atender a estes aspectos na formação científica sugere a necessidade de promover questionamento e novas atitudes juntos aos professores visando o tratamento da Educação Ambiental em acordo com os princípios da lei (BRASIL, 1999). A Educação Ambiental será emancipatória quando houver o exercício dos direitos e deveres dos sujeitos, atingindo plenamente o exercício da cidadania.

Espaços e estruturas educadoras são aquelas que demonstram, ou podem demonstrar alternativas viáveis para a sustentabilidade frente ao modelo hegemônico de desenvolvimento, possibilitando o aprendizado vivenciado, dialógico e questionador acerca das temáticas nelas abordadas (BRASIL, 2008).

Para Loureiro (2007), a trajetória e especificidade da Educação Ambiental como campo de conhecimento interdisciplinar relativamente recente – aproximadamente quatro décadas - possibilita considerável amplitude de argumentos (...) é um campo que, por sua dinâmica não pode ser concebido de modo linear. Análises, reflexões e práticas não devem estar pautadas em instrumentais metodológicos reducionistas visto que ferem a inerente complexidade da questão ambiental.

No presente trabalho, abordamos essas questões com a realização da criação de novos espaços escolares (recuperando espaços anteriormente depredados) com a construção de um Jardim Sensorial. Também agregamos ao local intervenções artísticas, como a grafiteagem, atribuindo característica transdisciplinar ao projeto.

METODOLOGIA

O projeto foi realizado na EE Armando Salles de Oliveira situada no bairro Vila Brasil na periferia da cidade de Botucatu e ocorreu no período de um ano (de janeiro a dezembro de 2013), com o envolvimento direto de graduandos do curso de Ciências Biológicas, docentes de Ciências e Artes e alunos da educação básica da referida escola.

Inicialmente se deu o planejamento do espaço a ser trabalhado com a produção de Memorial Descritivo e Planta Baixa aliado ao curso de Paisagismo da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA – UNESP).

Contamos com a orientação da professora da universidade, apoio financeiro do PRODESC (Projetos Descentralizados) para a execução do Jardim e da Grafiteagem e dos bolsistas do Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) que atuam na escola.

Posteriormente a esses processos, iniciou-se o Planejamento da Ação Pedagógica do projeto. Houve reuniões da professora orientadora, alunos de graduação, professora de Ciências e de Artes da escola e demais bolsistas do Pibid. Nas reuniões foram definidas as salas participantes bem como as atividades a serem realizadas pelos alunos com os professores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os sétimos anos, sala com os alunos mais novos, foram escolhidos como salas responsáveis pelo Jardim dos Sentidos em vista de serem aqueles que levarão o projeto adiante, uma vez que permanecerão na escola mais alguns anos. A idéia central da construção de espaços educadores, como o Jardim dos Sentidos e a Grafiteagem é que, por meio do envolvimento dos professores, o local propicie atividades pedagógicas das diversas disciplinas, envolvendo alunos de diferentes formas e sentidos e promovendo a formação do professor em atividades relacionadas ao meio ambiente. Também pode propiciar o contato com a natureza e a arte por diversos ângulos. Além disso, este tipo de

instalação possibilita, de forma transdisciplinar, o envolvimento das Artes Plásticas agregando ao espaço qualidade estética e de acolhimento a valores urbanos provindos da juventude, com a inclusão de atividades de desenho como o rafite, ao redor do Jardim dos Sentidos.

Com os alunos dos sétimos anos foi realizada aula introdutória contendo as definições e discussão dos seguintes assuntos: o que é um jardim?; quais são os cinco sentidos?; o que é um Jardim Sensorial? ; qual a relação entre nós (sociedade) e o jardim (meio ambiente)? ; o jardim é para todos? (questão da inclusão de alunos com deficiências).

Após aula introdutória, realizamos (bolsistas e professores de ciências e de arte) com essas salas um estudo de meio no Jardim dos Sentidos da APAE de Botucatu. No local, os alunos foram vendados e descalços seguindo o percurso que possui corrimão e com a ajuda dos professores presentes. O objetivo do processo nesse jardim é que os alunos se colocassem no lugar de uma pessoa com deficiência visual e, com isso, utilizassem os demais sentidos (tato, olfato, audição e paladar). Depois da passagem por este local, retiraram a venda e retornaram o percurso trabalhando o sentido da visão. No final foi proposta uma reflexão dos sentidos e como eles ajudam a estabelecermos relações com o ambiente e com a estética. Também foi ressaltado que na ausência ou pouca função de um ou mais sentidos, como no caso dos alunos da APAE, discutiu-se a questão da inclusão de pessoas com deficiência e trabalhada de maneira a desmistificar o tema e tratá-lo com mais ciência e naturalidade. Os alunos da escola ficaram interessados pelas pessoas da APAE e pela estrutura do local. Alguns perguntavam até se havia a possibilidade deles estudarem lá.

Com o estudo de meio, professores e alunos conheceram como se organiza um Jardim Sensorial e como devemos lidar com os visitantes num espaço como esse. Aliado a isso, a cidadania foi exercida com o respeito aos alunos e funcionários da APAE bem como com o local da visita.

Este trabalho de formação, junto aos alunos dos sétimos anos, possibilitou o envolvimento de todos participantes aos demais alunos da APAE. e no processo de construção do Jardim dos Sentidos da EE Armando Salles, este grupo de alunos, docentes e bolsista mobilizou a participação de toda a comunidade escolar.

Com os oitavos e nonos anos foram trabalhadas oficinas artísticas de confecções de materiais que comporiam o Jardim Sensorial. A oficina de construção dos materiais do espaço de audição do Jardim com a confecção de chocalhos utilizando materiais recicláveis (ressaltando a única sensação que as plantas não podem nos proporcionar diretamente, mas que podem fazê-la indiretamente através de animais que são atraídos por elas, por exemplo).

Com os nonos anos, foram construídas placas informativas, com material reciclável e tinta, sobre as plantas que comporiam o Jardim. Com esta oficina pode-se trabalhar informações sobre as plantas e relacioná-las a sensação correspondente que seria empregada ao Jardim. Em ambas as oficinas, o foco central era articular docentes de ciências e artes com os alunos em atividades de construção de espaços educadores na escola. O espaço que estava sendo construído é de todos os integrantes da escola e, sendo assim, todos tinham direitos de usufruir do espaço bem como responsabilidades em contribuir para fazê-lo e mantê-lo, para que sempre fosse possível sua utilização por toda a comunidade escolar.

A construção do Jardim foi realizada por empresa contratada através do apoio financeiro do PRODESC, como mencionado anteriormente. Entretanto, no plantio das mudas selecionadas, os alunos foram envolvidos em pequenos grupos para que se sentissem parte do espaço que seria construído. Neste processo pode-se também trabalhar conceitos como os cuidados necessários para se manter a vida da planta desde o plantio, sua manutenção para um bom desenvolvimento desse organismo e podendo até chegar a retirá-la, se for o caso, como as plantas do paladar.

Com o Jardim construído, as turmas do ensino médio realizaram o Projeto Grafite com a participação da professora de Artes da escola e grafiteiros da universidade e da cidade. Houve aulas de introdução do que é a Arte Grafite, a diferença em relação à pichação e exemplos de grafitação realizadas em outros locais. A partir disso os alunos trabalharam, com desenhos em papel, as possibilidades de trabalhos que eles poderiam realizar no projeto. Após esta etapa alunos, bolsistas, professora de arte e colaboradores foram para o local riscar o desenho nos muros ao redor do Jardim. Alguns alunos mostraram muita habilidade com a arte e os que não possuíam tentavam aprender ou acompanhavam os colegas com idéias e admiração pelo trabalho realizado.

Houve relato de um aluno que fazia pichações e, após trabalhar no projeto, se propôs a não fazer mais a atividade dedicando-se agora ao Grafite.

A parte artística do projeto acabou envolvendo também a escola como um todo. Pois além dos alunos do ensino médio (responsáveis pelo Grafite), as classes de ensino fundamental se envolveram com a pintura das mãos e de seus nomes na alvenaria que circundava o Jardim. O objetivo dessa etapa era novamente e de forma mais evidente que os alunos se “enxergassem” no espaço construído deixando registros seus no local.

Outro projeto que ocorreu paralelamente a este processo foi o da Horta Vertical realizado por alunos do PIBID com alunos de diversas salas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Jardim Sensorial e Grafitagem se propôs revitalizar uma área da escola que estava sendo mal aproveitada, tornando-a apta a ser utilizada como novo espaço educador ambiental.

A construção deste novo espaço envolveu a participação efetiva de docentes de ciências e de arte que mobilizaram novos conhecimentos e novas formas de trabalhar os conteúdos escolares.

O espaço educador construído tem sido utilizado por alunos e docentes com objetivos didáticos e também de lazer. Anteriormente o espaço ficava com as portas fechadas e os alunos o avistavam pela janela de seu refeitório. Depois do projeto, o espaço se mantém de portas abertas e alunos e docentes utilizam o mesmo durante as aulas, quando levados para trabalhar certos conceitos específicos e também em momentos de lazer, como no intervalo.

Uma experiência didática importante que ocorreu utilizando-se desse espaço foi a Feira de Ciências do PIBID que aconteceu em novembro de 2013. No espaço do Jardim dos Sentidos e Grafitagem alunos da escola receberam visitantes de outra escola para percorrerem a trilha dos sentidos. Este trabalho contou com a supervisão dos graduandos e dos professores.

Na Feira, o espaço foi apresentado pelos próprios alunos da escola, principalmente os do sétimo ano, à escola visitante. O fato foi muito gratificante, pois se constatou que o objetivo didático de envolver alunos e docentes da escola com o propósito de integração de pessoas e de saberes foi alcançado. Eles explicavam como o Jardim estava organizado, iam apresentando as plantas

aos colegas, estes, muitos, fizeram vendados, recuperando o que vivenciaram na visita à APAE. Os alunos transmitindo conceitos adquiridos aos colegas da outra escola e os docentes incentivando e acompanhando cada momento deste processo.

Além disso, percebe-se que o objetivo socioambiental foi incorporado ao vê-los passando à mensagem de preservação do meio escolar e ambiental adiante e criando laços com as pessoas que os visitava.

Os professores da EE Armando Salles se envolveram com o projeto, participando ativamente da preparação da Feira de Ciências. Um exemplo interessante foi com a professora de matemática da escola que confeccionou com os alunos plaquinhas com diferentes elementos e diferentes texturas para ajudar compor o Jardim Sensorial. Além dela, vários outros professores ajudaram na preparação do espaço de audição do Jardim.

O espaço do Jardim Sensorial vem sendo preservado com o decorrer do tempo, e é algo a se comemorar, pois anteriormente ocorriam casos constantes de depredação na escola. O espaço foi sendo apropriado pelos atores da escola e tem sido comum observar alunos e docentes indo para o local no decorrer de diferentes aulas.

Também outro resultado é que os alunos têm aquele espaço como deles e, portanto, é necessário cuidar e respeitar. Entende-se que a partir desta etapa é possível inferir que houve ampliação da percepção e da visão local (ambiente escolar), para com a visão global (meio ambiente), sem esquecer-se das relações entre as pessoas que convivem nesse ambiente e da relação entre elas e o ambiente.

Acreditamos ter conseguido realizar o projeto com sucesso pelo fato do interesse e da participação de todos os alunos da escola e gradativamente ampliando o envolvimento dos docentes com a transformação (a comunidade escolar) do espaço escolar.

Os diálogos estabelecidos em momento de divergências de opiniões foram fundamentais para que o projeto seguisse adiante. Com isso, pode-se trabalhar de forma tranqüila e seguindo com as idéias propostas no projeto, mas sempre dispostos para momentos de reestruturação.

O local não era freqüentado pela comunidade escolar, servia como depósito de entulho e era avistado por todos da escola, especialmente na hora do lanche. A partir do projeto torna-se lugar desejado pelos alunos e ponto de referência para a EE Armando Salles de Oliveira que tem divulgado em todos os seus eventos a recuperação não só do ambiente físico escolar, como o espaço estar conquistando novas interações entre docentes e alunos e integrando-os em momentos de formação científica e cultural.

Com isso, acreditamos ter alcançado os nossos objetivos e ter se aproximado dos caminhos da Educação Ambiental propostos pela Literatura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Viveiros Educadores: plantando vida. Brasília: MMA, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Meio ambiente e saúde, v. 9. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL. Lei n.º 9795, 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 28 abr., 1999.

DOMINGUES, J. L.; KOFF, E. D.; MORAES, I. J. Anotações de leitura dos parâmetros nacionais do currículo de ciências. In: BARRETTO, E. S. S. (Org.). Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 2000. p.193-200.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 6ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental e conselho em unidades de conservação Aspectos teóricos e metodológicos. Rio de Janeiro, 2007.

SÃO PAULO. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Ciências, coord. Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2008.

SÃO PAULO. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Ciências da Natureza e suas tecnologias – Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio, coord. Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2010.

UNESCO Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília, 2007

VIÑAO, Antonio. Espaços, usos e funções; a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. São Paulo: Cortez, 2005.